

CINEMA E EDUCAÇÃO FEMININA: UMA ANÁLISE DO FILME “CAPITÃ MARVEL”

CINEMA AND FEMALE EDUCATION: AN ANALYSIS OF THE MOVIE “CAPTAIN MARVEL”

ELIANE MELO CORRÊA¹
SUELLEM PANTOJA²
MARCEL PIRES DIAS³

RESUMO:

O trabalho tem como objetivo analisar o filme da Capitã Marvel e discorrer sobre o cinema e a educação feminina, de modo a realizar uma reflexão acerca de como as mídias reproduzem estereótipos, a exemplo do cinema que historicamente é centralizado no homem branco sendo reflexo de uma sociedade patriarcal. A metodologia dessa pesquisa, trata da etnografia de tela, trazendo cenas do filme e dessa forma conseguimos oito imagens. Constatamos que o filme “Capitã Marvel” contribui para uma mudança de perspectiva em relação ao cinema, uma vez que coloca uma mulher como destaque, o que colabora para o empoderamento de mulheres e desenvolve o pensamento de que a prática da educação não ocorre somente nas escolas, mas nos meios culturais também.

Palavras-chave: Capitã Marvel. Cinema. Educação feminina.

ABSTRACT:

The objective of this study is to analyze the film Captain Marvel and discuss cinema and female education, in order to reflect on how the media reproduces stereotypes, such as cinema, which has historically been centered on white men, reflecting a patriarchal society. The methodology of this research involves screen ethnography, using scenes from the film, from which we obtained eight images. We found that the film Captain Marvel contributes to a change in perspective in relation to cinema, since it places a woman in the spotlight, which contributes to the empowerment of women and develops the idea that education does not only take place in schools, but also in cultural environments.

Keywords: Captain Marvel; Cinema; Women's education.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como tema o cinema e a educação feminina e busca contribuir com os debates sobre a luta das mulheres na sociedade, demonstrando como elas são retratadas no filme Capitã Marvel e como essa representação, ainda que de maneira tímida, desafia a estrutura de uma sociedade patriarcal, tendo desse modo, uma precariedade de pesquisas que relacionem cinema, currículo e empoderamento feminino,

trazendo à tona a luta que as mulheres passaram para conquistar seus direitos na sociedade contemporânea, como cita Leite & Lopes (2017, p.101) “(...) centenas de estudos continuam a indicar desigualdades quanto às oportunidades e à violência a que estão submetidas as mulheres”. Segundo Marques (2021, p.27), “as produções das obras cinematográficas se espelham na estrutura, nos modelos e nos estereótipos da sociedade para construir suas narrativas e produzir cultura.

¹ Graduanda. Universidade Federal do Pará/Campus Abaetetuba.

² Doutora em Educação na Amazônia. Professora do Centro de Ciências Agrárias, Naturais e Letras da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão- UEMASUL.

³ Doutor em Linguística. Docente da Faculdade de Ciências da Linguagem, Universidade Federal do Pará/Campus Abaetetuba.

Segundo Marques (2021, p. 14), ao ser dominado por homens, o cinema acaba por confinar as mulheres, ou as representações que se aproximem e/ou estejam ligadas ao feminino, a estereótipos ou a papéis sem importância, os quais levam à invisibilidade ou deslegitimação deste público. Nesse contexto, nosso objetivo geral é analisar o filme *Capitã Marvel*, relacionando-o com a história de luta das mulheres. Como objetivos específicos temos: verificar como a figura feminina é apresentada no filme; identificar cenas que tratem das diferentes formas de representação da mulher.

O filme da *Capitã Marvel* é a primeira produção estadunidense do *Marvel Cinematic Universe* (MCU) a ter uma mulher como protagonista. Baseado na história da personagem Carol Danvers, o filme começou a ser desenvolvido em meados de maio de 2013 e foi lançado no Brasil em 7 de março de 2019. A história de *Capitã Marvel* se passa no ano 1995, introduzindo a protagonista ao grupo de super-heróis do MCU e utilizando o planeta Terra e a fictícia região do Império Kree como cenários. Historicamente, o cinema retrata personagens femininas como donzelas indefesas, incapazes de agir sozinhas e sempre necessitando de amparo.

Tal panorama tem sido alterado gradativamente com personagens, a exemplo de *Capitã Marvel*, que rompem com esses estereótipos. Ela não é nem um pouco delicada, assume o papel de protagonista da própria história, na fala de Pirajá e Cerqueira (2023, p. 13) “Carol alude e reage a um machismo que enquadra e desconsidera o lugar de protagonismo do feminino. A busca pela sua origem é também um momento de se rebelar contra tudo isso”. Silva e Oliveira discutem isso também, em que

[...] as personagens femininas geralmente ocupavam papéis bem delimitados, oscilando entre a mocinha indefesa e vítima das maquinações dos vilões, a vilã sedutora que representava a ruína do super-herói ou a ajudante, comumente uma versão feminina de um personagem masculino já consolidado ou alguém que vivia em segundo plano. (Silva; Oliveira, 2022, p. 112-113).

Carol é membro da Força Aérea dos Estados Unidos, apresenta-se como uma personagem forte e que vai à luta, no decorrer do filme é possível observar que ela enfrenta julgamentos constantes dos homens ao seu redor, que dizem coisas como “esse lugar não é para você”,

“você não é forte o bastante para isso” e “você é muito emotiva”. Paralelamente, ela trava uma luta interna para descobrir sua verdadeira identidade.

Nessas falas, é possível perceber que existe uma opressão por parte de seus colegas homens que sempre questionam o lugar que ela deve ocupar enquanto mulher, visto que fazer treinamento militar e pilotar aeronaves são consideradas atividades masculinas. Nesse contexto podemos considerar que separação entre tarefas de homens e mulheres, trata-se de uma “etiqueta, no sistema patriarcal [...], a idolatria à fragilidade da mulher, tudo parecia denotar o gosto dos homens pela diferenciação e, em última instância, reforçar os conceitos de sexo forte, nobre e dominador” (Freire, 2000, p. 94).

Podemos observar que ainda na atualidade a sociedade tem tendência à manutenção dessa divisão de tarefas, determinando o que é de menina e o que é de menino o que reforça preconceitos. Considerando que

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente os seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. (Louro, 2014, p. 06).

A partir disso, segundo Nascimento (2019, p. 630), as relações de gênero são historicamente construídas, marcadas pela cultura e pelas relações de poder, as quais estabelecem uma hierarquia e uma assimetria social entre mulheres e homens. Em que os homens querem dominar as mulheres e se sentirem maiores em todos os aspectos da sociedade e da vida. A educação possibilita a transformação e a construção social e o cinema reflete essas mudanças sociais.

Como diz Freire (2000, p. 30), “a mudança é uma constatação natural da cultura e da história.”; ou seja, não podemos aceitar a exclusão dos grupos minoritários, Sodré (2005, p.2) afirma que “minorias é uma recusa de consentimento, é uma voz de dissenso em busca de uma abertura contra hegemônica no círculo fechado das determinações societárias”. “Considerando o racismo, sexismo, homofobia/preconceito sexual e xenofobia como algumas das variáveis, de

natureza social, demarcadoras do preconceito e discriminação frente aos indivíduos e/ou grupos de indivíduos que fazem parte de tais grupos minoritários.” (Freires et al, 2017, p. 2).

Nesses termos, é necessário “transmitir memórias, fazer reivindicações políticas e manifestar o senso de identidade de um grupo” (Taylor, 2013, p. 19). Pois o discurso de ódio e de discriminação está enraizado em nossa sociedade. Não preservando as normas e os padrões da sociedade impostos, “mesmo tendo sido a escravidão supostamente abolida em 1888. Nem todos – e, principalmente, nem todas – puderam efetivamente usufruir desta liberdade, sendo necessária muitas ainda lutas até os dias atuais para que haja, na prática, a equiparação dos papéis sociais de ambos os sexos”. (Santana, 2014, p.12).

Como vimos, ainda hoje não conseguimos alcançar a igualdade de gênero, as mulheres seguem tendo dificuldades para ocupar determinados espaços. Considerando esse contexto buscamos discutir como as mulheres são representadas no filme *Capitã Marvel* relacionando com a educação.

METODOLOGIA

Nesta seção apresentaremos o procedimento metodológico para essa pesquisa, tratando da etnografia de tela e como ela foi importante para se fazer a análise das questões aqui apresentadas. Realizamos nossas análises com base na etnografia de tela, que vem propor que o pesquisador veja o filme várias vezes e selecione as imagens em um ponto específico de tais cenas para serem analisadas criticamente. Com isso, selecionamos algumas imagens do filme *Capitã Marvel*, para mostrar como a personagem é retratada nele e como o filme contribui para a luta das mulheres, que historicamente foram subjugadas aos homens e questionadas por ocuparem determinados espaços vistos que são socialmente como lugares dos homens. Na etnografia de tela, segundo Colins

o filme constitui um discurso sobre a sociedade, uma prática social, a ser interpretada a partir de uma imersão. Uma imersão que permita ao analista acessar perspectivas diferentes sobre a sociedade, de modo geral, e sobre si mesmo. A sua percepção está diretamente implicada e é através dela que o texto fílmico adquire contornos discursivos. (Colins, 2020, p. 436).

Considerando esses pressupostos, reali-

zamos uma seleção das imagens presentes no filme e, posteriormente, buscamos analisá-las, atentando para os diálogos, a posição das personagens na tela, as roupas e até mesmo a voz. Com as cenas selecionadas, notamos os discursos preconceituosos contra a mulher no filme. A etnografia de tela então traz essas questões à tona como se “o espectador fosse convocado a ocupar uma ‘posição’ a partir da qual deveria ler o filme.” (Colins; Lima, 2020, p. 430). E fazer uma crítica em cima das imagens do filme, relacionando com a atualidade. Aguila e Jayme dizem que

A etnografia de tela utiliza o contexto no qual a obra se insere, para que se possa compreendê-la em relação com o tempo, a história, as questões socioculturais do momento da produção. Esse método, então, parte do ponto de vista do/a espectador/a pesquisador/a, observando como esse contexto afeta tanto a produção quanto a recepção do filme. (Aguila; Jayme, 2021, p.151).

De acordo com De Oliveira (2012, p.7), “no século XIX havia movimento de mulheres reivindicando direitos trabalhistas, igualdade de jornada de trabalho para homens e mulheres e o direito de voto.” Seguindo essa linha de raciocínio, entendemos “o filme não apenas como uma construção narrativa, mas uma extensão da vida ‘real’ em que os elementos técnicos escolhidos para dar forma à representação das histórias e personagens configuram práticas com impacto social.” (Colins; Lima, 2020, p. 432).

Percebemos que gradativamente os grupos minoritários têm ocupado um papel mais ativo na criação e na produção cultural. Isso é fundamental para garantir uma representação mais diversificada da sociedade em sua totalidade e não só dos homens brancos, proporcionando assim mais espaço e visibilidade às mulheres.

Primeiramente, foi feito o passo de assistir ao filme todo da *Capitã Marvel*, encontrado no site da www.disneyplus.com, com duração de 2h7min, “no sentido de que o trabalho com a tela não pressupõe uma busca pela verdade ou ainda pela comprovação da veracidade do que está sendo exposto, mas refere-se à multiplicação de olhares que as imagens nos possibilitam” (Marcello; Fischer, 2011, p. 513).

Em seguida foi necessário assistir novamente para ir recortando do filme as imagens a serem usadas para o seguinte trabalho, abordando uma interpretação acerca do contexto de cada imagem, Balestrin e Soares (2021), que sustentam que a etnografia de tela exige a compreensão de que o que “vemos na tela é tão

real quanto o que está fora da tela” (Balestrin; Soares, 2021, p. 91). foram selecionadas para este trabalho oito imagens, para assim fazer a etnografia de tela, observando o contexto de cada cena em que a Capitã Marvel, como mulher é subestimada e como na última imagem ela é vista como uma mulher forte, determinada, uma super-heroína pronta para ajudar a todos.

Este trabalho apresenta um avanço em utilizar a etnografia de tela, pois existem poucos estudos relacionados ao tema utilizando-a. “Os artefatos culturais na contemporaneidade, quando tomados como empiria, podem nos auxiliar na “criação de instantes de suspensão dos sentidos já criados e a abertura de possibilidades de sua resignificação” (Meyer; Paraíso, 2021, p. 21). Carvalho, Leal e Dal’Igna (2025 p. 05), realizaram uma busca nas bases de dados e repositórios acadêmicos do Google Acadêmico, CAPES, RBDU, LUME, CLACSO, CLAECE e SCIELO e constaram que “Ao empenhar tal análise, visualizamos que o termo “etnografia de tela”, vinculado ao descritor “educação”, apresentou resultados de pesquisa que em sua maioria não possuía vínculo com a área da Educação, o que pode indicar um caminho fecundo para se produzirem mais pesquisas que articulem a metodologia à área da Educação”.

Abordamos também aspectos sobre a luta das mulheres que é uma questão que está sendo tão discriminada e precisa ser valorizada, ao retratar a realidade social com o filme da Capitã Marvel, contribuindo desse modo para mais pesquisas abordando tais questões sociais que impactam uma vida inteira do ser humano, ser tratado com dignidade e respeito.

A LUTA DAS MULHERES: ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS

Nessa seção, serão abordados alguns aspectos históricos das lutas das mulheres, para se fazer a fundamentação teórica da pesquisa e será tratado também aqui: “O cinema e o empoderamento de mulheres” e “O filme Capitã Marvel e a representação das mulheres”. No contexto, “Social, política e economicamente, os homens encontram-se em vantagem histórica, revestindo-se “de um prestígio cuja tradição a educação da criança mantém: o presente envolve o passado e no passado toda a história foi feita pelos homens” (Beauvoir, 2019, p. 14). É evidente que as mulheres sempre lutaram e ainda lutam para não serem desrespeitadas, terem salários dignos, não serem assediadas, como diz Almeida:

A educação das mulheres que a princípio foi negada, tendo como justificativa que isso iria prejudicar sua frágil constituição física e emocional, acabou por revelar-se uma necessidade, notadamente no período pós republicano. De acordo com os pressupostos dos liberais e positivistas, o novo estado que se delineava após a queda do regime monárquico exigia cidadãos aptos a fazerem a nação crescer e a desenvolver-se. Isso não seria possível sem a instrução da população em geral. (Almeida, 2000, p. 8)

Abordando que a educação passa a fazer parte da vida da mulher só quando há a queda do regime monárquico, pois era preciso mão de obra barata para fazer a sociedade se desenvolver, De Oliveira afirma que

As lutas entre homens e mulheres trabalhadoras estão presentes em todo o processo da revolução industrial. Os homens substituídos pelas mulheres na produção fabril acusavam-nas de roubar seus postos de trabalho. A luta contra o sistema capitalista de produção aparecia permeada pela questão de gênero. A questão de gênero colocava-se como um ponto de impasse na consciência de classe do trabalhador. (De Oliveira, 2012, p.7)

A inserção da mulher no mercado de trabalho trouxe consigo o desafio da dupla jornada, equilibrando as responsabilidades domésticas e profissionais. Historicamente, as mulheres enfrentaram e enfrentam desigualdades salariais em comparação aos homens, uma realidade que continua persistindo em nossa realidade, pois as mulheres são vistas como menos capazes que os homens. A necessidade de conciliar o cuidado dos filhos com o trabalho impulsionou a luta das mulheres por direitos como acesso a creches e reconhecimento da maternidade, evidenciando a importância de políticas que apoiem a igualdade de gênero no trabalho e em casa.

Hahner (2003, p.27) indica que [...] “as primeiras defensoras da emancipação feminina viram na educação um modo de ampliar as opções para sua independência econômica e sua melhoria social.” As discussões sobre o direito à educação e acesso ao nível superior com forma de elevar a condição feminina e garantir-lhes uma profissão e participação nas atividades políticas foram latentes no início do século XX, envolvendo os defensores de sua emancipação e também aqueles que nutriam certa suspeita em relação a tais mudanças.

Com a grande expansão que ocorreu na universidade no ano de 1970 é que as mulheres realmente começam a fazer parte de uma

forma bem expressiva no ensino universitário no Brasil. É a partir do ingresso da mulher nas universidades que o ensino superior consegue se expandir no Brasil. (Feclesc, 2010, p. 4)

Dados do IBGE (2009) mostram que as mulheres brasileiras são maioria na educação do ensino básico ao superior, pois os “homens na educação básica declaram ter, em média, 6,9 anos de estudo, enquanto as mulheres declaram possuir 7,2 anos de estudo. No ensino superior, 32% das mulheres brasileiras na faixa etária de 18 a 24 anos estudam neste nível, enquanto os homens a porcentagem são de 28,9%.” (Santiago; Pimentel, 2014, p. 2). Mas a nossa sociedade ainda é muito patriarcal, como diz June (1981, p.124), “a maioria das trabalhadoras, assim como seu trabalho, continuou em cargos auxiliares numa sociedade dominada pelo homem”.

Guacira Lopes Louro (2000, p. 440), no ano de 2000, afirmava que “O cinema dominante é conduzido por homens brancos ocidentais: na concepção, direção e produção dos filmes.” E continua sempre produzido só por homens na sua totalidade. De acordo com Geimer (2013, p. 140), “filmes e o conhecimento sobre eles podem ser usados para gerenciar relações sociais. O cinema vem carregado de experiências da vida real, trazendo reflexões das ações das pessoas na sociedade”.

O CINEMA E O EMPODERAMENTO DE MULHERES

O cinema mostra muitos estereótipos, que podem ser definidos como “uma opinião preconcebida acerca de atributos exteriores. Caracteriza-o ainda como um mecanismo que ajuda na economia do pensamento, que organiza as experiências, dando lugar às generalizações” Lippmann (1972, p.25). Segundo Charaudeau (2017, p. 584), “a palavra estereótipo sobrevive em uma classe semântica de termos que circulam em determinados grupos sociais e que são compartilhados entre os seus membros desempenhando, inclusive, “um papel de elo social”, ou seja, tendemos a atribuir a uma pessoa certa característica permanente só porque sempre observamos isso em nossa volta, como a violência contra a mulher que ainda está tão enraizada em nossa sociedade.

Para Marques (2015), o gênero organiza a vida social e seria a forma primária de significar as relações de poder, a exemplo do homem tendo elevado poder do homem sobre

a mulher. Já que o cinema mostra muitos estereótipos, é preciso romper esse preconceito contra as mulheres e o filme da Capitã Marvel mostra justamente isso, rompendo com as concepções preconcebidas pela sociedade em torno da mulher.

O male-gaze seria a construção de uma imagem da mulher no cinema que coloca o espectador, sendo homem ou mulher, numa posição masculinizada ao assistir a produção, o ponto de vista quem vê e sente prazer com a imagem do objeto na tela, no caso a mulher objetificada (Sassatelli, 2011, p. 124).

Nesse contexto, “a representação visual é crucial na formação de identidades de gênero, [...] os efeitos das representações continuam sendo opressivos para as mulheres em particular.” (Sassatelli, 2011, p. 124). O cinema traz essa representação das mulheres, “produzem valores e saberes; regulam condutas e modos de ser; fabricam identidades e representações e constituem certas relações de poder.” (Sabat, 2001, p. 01)

Ter uma personagem protagonizada por uma mulher no filme Capitã Marvel é um marco significativo, pois quebra barreiras e demonstra que as mulheres podem ocupar espaços tradicionalmente dominados por homens. Até então, o gênero de super-heróis foi amplamente representado por figuras masculinas como Batman, Superman, Homem-Aranha, entre outros. Nesse contexto, podemos considerar que Capitã Marvel desafia essa norma. Na fala de Eunice Kindel

Os espaços culturais – a mídia, especialmente – nunca foram efetivamente ocupados por todos os grupos de gênero, grupos sexuais, étnicos, raciais ou de classe; alguns desses grupos ou não aparecem ou, quando aparecem, muitas vezes, estão em uma condição marginal. (Kindel, 2003, p. 229)

Capitã Marvel possibilita a visibilidade e abre espaço para mais mulheres adentrem esse espaço do cinema, não ocupando uma posição marginalizada. Para Louro

Por tudo isso, quando se examinam os diferentes processos educacionais que constituíram a sociedade brasileira, parece importante observar criticamente não apenas as vozes do passado, mas quem está, ainda hoje, falando por meio dessa pedagogia cultural e que efeitos ela está potencialmente produzindo (Louro, 2000, p. 443).

Essa citação de Louro evidencia algo muito valioso, quem está por trás dessa pedagogia

cultural, como isso impacta a vida de outras mulheres e também de que jeito vai influenciar como as mulheres tomam rumo dentro dessa questão do cinema. Gubernikoff (2009, p. 67) ainda diz que: “O que se conclui é que foram os homens os produtores das representações femininas existentes até hoje, e essas estão diretamente associadas às formas de a atual mulher ser, agir e se comportar.”

RESULTADOS E DISCUSSÃO: O FILME CAPITÃ MARVEL E A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES

O filme Capitã Marvel foi o primeiro a ter uma mulher assumindo a direção: Anna Boden, ainda assim dividindo-a com outro homem: Ryan Fleck.

Em Capitã Marvel (2019), o retorno ao passado remete às opressões que atravessam a sua vivência do gênero. Carol possui um propósito inicial de executar uma missão, que é rapidamente substituído pela busca de sua verdadeira origem, através de evidências de que ela teria vivido na Terra. O filme apresenta pela primeira vez uma personagem bastante conhecida nas histórias da Marvel: a Inteligência Suprema, um computador cibernético que é capaz de reunir informações das principais mentes militares do Império Kree e indicar os pontos fortes e fracos de seus adversários. Na narrativa, ao tentar rebaixar Carol, afirmando que ela é apenas uma humana e que nunca teve força para controlar seus poderes, a Inteligência Suprema também se torna uma alegoria de um sistema patriarcal que reprime os anseios das mulheres. (Pirajá; Cerqueira, 2023, p.12)

O filme surge como um sucesso de bilheteria da Marvel Studios contando a história de Carol Danvers (Brie Larson), atingindo mais de um bilhão de dólares (Box Office Mojo, 2024) o primeiro filme solo de uma super-heroína a atingir tal marca, uma personagem extremamente poderosa, capaz de destruir planetas.

No presente filme da Capitã Marvel, percebe-se no começo a personagem Carol sendo já controlada psicologicamente pelo Yon- Rogg, que faz parte dos Kree (um grupo perverso), ele tenta persuadi-la para fazer só o que ele quer; é a figura masculina transmitida como aquela que vem impedir a personagem de ter acesso a toda sua potencialidade, que a influencia para um lugar de insuficiência, mediocridade e alienação, na cena abaixo Carol embarca em uma missão com os Kree, que são os vilões, sendo influenciada para agir e usar seus poderes conforme a ordem de Yon, em que estava sendo dominada, o filme inicia nesse espaço:

Figura 1- Saída dos Kree para a guerra.



Fonte: (Capitã Marvel, 2019)

Figura 2- Representa o momento em que ela está se exercitando na força Aérea.



Fonte: (Capitã Marvel, 2019)

Figura 3- Situação em que ela escuta a fala dos homens da força aérea sobre ela está nesse local.



Fonte: (Capitã Marvel, 2019)

Essas cenas retratam como a Capitã Marvel é subjugada por seus colegas da Força Aérea, todos homens, durante seu treinamento. Eles fazem comentários desrespeitosos e desencorajadores, como: “Você não é forte o bastante, vai se matar” e “Você não pertence a esse lugar”.

Capitã Marvel demonstra essa aproximação da ficção com a realidade ao retratar o que é ser mulher em uma sociedade patriarcal, por exemplo, em uma parte do filme, quando é assediada pelo motociclista. Percebe-se nessa cena a realidade de muitas mulheres que são assediadas na sociedade atual. Seguem as imagens a seguir:

Figura 4- Capitã Marvel é abordada por um motociclista na rua.



Fonte: (Capitã Marvel, 2019)

Figura 5- Ela para de ler o jornal e olha para o homem com indiferença e desprezo.



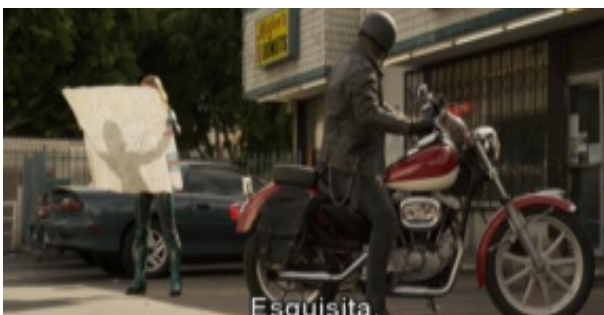
Fonte: (Capitã Marvel, 2019)

Figura 6 - Ele volta a falar com ela, tendo em vista que não obteve nenhuma resposta.



Fonte: (Capitã Marvel, 2019)

Figura 7 - o motociclista a chama de “esquisita” por ela não lhe mostrar atenção.



Fonte: (Capitã Marvel, 2019)

Essas cenas do filme da Capitã Marvel refletem os desafios enfrentados pelas mulheres na realidade, ilustrando como elas são ofendidas e desrespeitadas.

Um exemplo marcante é quando um personagem masculino chama a protagonista de “esquisita” simplesmente por não sorrir para ele, como se ela tivesse a obrigação de fazê-lo para evitar algo negativo. Essa dinâmica retrata a percepção de que os homens têm mais poder do que as mulheres, e que elas são frequentemente colocadas em posições onde parecem impotentes. No entanto, o filme subverte essa narrativa quando Carol, a protagonista, reage ao assédio roubando a moto do homem que a estava incomodando, demonstrando seu poder e independência.

Figura 8 - Cena em que a Capitã Marvel controla seus poderes e sabe realmente quem ela é como mulher e heroína.



Fonte: (Capitã Marvel, 2019)

Nessa cena (figura 8), as lembranças de todas as vezes em que ela caiu novamente emergem, mas é diferente nesse momento, pois ela está se levantando, evidenciando seu empoderamento, inclusive indicando isso na fala quando acorda: “Estive lutando com um braço amarrado nas minhas costas. Mas o que acontece quando eu finalmente me liberto?”, ela estava com os poderes controlados por outros e sua mente estava sendo manipulada, para fazer o que o grupo dos Krees quisesse, mas agora ela está no controle de sua mente.

Esses comentários da figura 1 e 2 refletem a crença de que uma mulher não tem lugar no espaço retratado, por se tratar de um ambiente considerado masculino. Esses recortes exemplificam o preconceito que as mulheres enfrentam em espaços tradicionalmente dominados por homens.

A maioria da sociedade interpreta as mulheres como desviantes da norma quando elas se mostram fortes, donas de si, resilientes, inte-

ligentes, poderosas, com características que seriam consideradas de perfis masculinos. Existem diferentes modos de ser mulher, mas a sociedade quer e estabelece um único modo para cabermos. Quando, na verdade, nós, mulheres, queremos a equidade de gênero e o reconhecimento de todas as formas do “ser mulher”. (Marques, 2021, p. 42)

Barbosa afirma que as obras cinematográficas possuem uma representação dos espaços segundo a memória social, se constituindo “(...) como um arquivo dos atos, relações e do próprio imaginário presentes e construtores do espaço urbano.” (Barbosa, 2009, p.82)”.

Essas representações no filme são significativas, pois mostram que, apesar dos obstáculos e das pressões sociais, as mulheres podem e devem resistir e afirmar sua autonomia. As cenas de 3 até a 6 é um exemplo de como o cinema pode destacar questões de gênero e empoderar as mulheres ao apresentar personagens femininas fortes e independentes que enfrentam e superam as adversidades, na citação de Marques

há uma conexão entre o cinema e o currículo, pois ambos produzem representações e identidades e atuam por meio de formações discursivas, as quais vão determinar qual tipo de conhecimento é considerado relevante. É por intermédio do currículo, que os diferentes grupos sociais, principalmente os dominantes, irão expressar suas perspectivas de mundo, seu projeto social e suas “verdades”. Isso faz do currículo um elemento do discurso da política educacional. (Marques, 2021, p.45)

Todas essas questões do filme refletem nossa realidade atual, na qual a violência contra as mulheres continua a aumentar e muitas delas enfrentam dificuldades para denunciar devido ao controle emocional exercido por seus parceiros ou à dependência econômica deles. Muitas mulheres se encontram nessa situação por falta de acesso à educação e oportunidades de emprego, o que as deixa vulneráveis e incapazes de se libertar de relacionamentos abusivos. Na fala de Silva

a violência praticada pelo parceiro íntimo - dentro do ambiente doméstico - constitui a forma mais prevalente e endêmica de violência contra a mulher. O direito do homem de dispor da companheira é muitas vezes aceito culturalmente. Neste cenário, o enfrentamento da violência implica na desconstrução de normas sociais e padrões culturais, tanto de homens quanto de mulheres, os quais confirmam, autorizam, naturalizam e banalizam a dominação masculina sobre a mulher. (Silva, 2015, p.02).

Como destacado por Silva (2015), a edu-

cação é reconhecida como um **fator-chave** para a capacitação das mulheres. Ela fornece conhecimento, habilidades e perspectivas críticas. Nesse contexto o acesso à educação está diretamente ligado à melhoria das qualificações profissionais e, conseqüentemente, à independência financeira das mulheres.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, o cinema, como arte e indústria cultural, produz narrativas que refletem e, por vezes, distorcem a realidade social. Ao abordar temas como as estruturas de poder de gênero, ele provoca reflexão e debate sobre os papéis estabelecidos para homens e mulheres. Ao trazer para a tela histórias sobre os desafios, lutas e triunfos de mulheres, o cinema permite que espectadoras (meninas e mulheres) se identifiquem com as personagens e estabeleçam relações com as suas realidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, a luta das mulheres é histórica. Ao abordarmos a representação feminina no cinema neste trabalho, buscamos entender como esse espaço contribui para o empoderamento das mulheres e como ele pode ser usado para esse fim. Identificamos e analisamos como a figura feminina é apresentada no filme *Capitã Marvel*, destacando cenas que abordam diferentes formas de representação da figura feminina.

Constatamos que o filme “*Capitã Marvel*” contribui para uma possível mudança de perspectiva em relação ao cinema, uma vez que coloca uma mulher como destaque, algo que historicamente não é comum no mundo cinematográfico. Nesses termos a narrativa colabora para o empoderamento de mulheres, incentivando-as a ocupar espaços de protagonismo tanto no cinema quanto em outros setores da sociedade. Isso é importante para que as meninas possam se ver como protagonistas, tendo essa referência, e para que os meninos tenham a oportunidade de ver outras representações quebrando os estereótipos de histórias que sempre colocam os homens como personagens principais e detentores de força, enquanto as mulheres são retratadas como submissas e fracas.

Carol pode ser entendida de várias maneiras, como uma mulher questionadora, esperanta, forte, inteligente, determinada, destemida e como uma amiga importante na jornada de outra mulher ao ajudar Maria com a maternidade, bem como defensora dos oprimidos. Ao longo do filme

ela é subjugada, assediada e desrespeitada unicamente pelo fato de ser mulher, realidade enfrentada cotidianamente por muitas mulheres.

O filme é um passo importante para a representação feminina, embora ele não dê conta de todas as questões de maneira aprofundada. Não podemos desconsiderar o fato de que a protagonista é uma mulher branca e loira e que seu uniforme de heroína reforça e ressalta seu porte atlético.

A presente pesquisa deixa margem para que novos estudos possam ser feitos com base nela, ampliando a discussão acerca do tema e trazendo relevância para as lutas sociais e para a luta das mulheres.

REFERÊNCIAS

- AGUILA, S.; JAYME, J. G. **Mulher Maravilha e Capitã Marvel**. Em *Sociedade*, 3(2), 147-167. 2021.
- ALMEIDA, J. **As lutas femininas por educação, igualdade e cidadania**. *Revista brasileira de estudos pedagógicos*, v. 81, n. 197, 2000.
- BARBOSA, Jorge Luiz. **A arte de representar como reconhecimento do mundo: o espaço geográfico, o cinema e o imaginário social**. *GEOgraphia*, Niterói, v. 2, n. 3, p. 69-88, 2009. DOI: 10.22409/GEOgraphia2000.v2i3.a13375. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13375>. Acessado em: 15 nov. 2025.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 2019.
- BALESTRIN, P. A.; SOARES, R. Etnografia de tela: uma proposta metodológica. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021. p. 89-111. Disponível em: <https://mazzaedicoes.com.br/project/metodologias-de-pesquisas-pos-criticas-em-educacao/>. Acessado em: 17/11/2025
- CAPTAIN MARVEL. Disponível em: *Captain Marvel - Box Office Mojo*. Acessado em: 29/04/2024.
- COLINS, A. T.; DE LIMA, M. G. Etnografia de tela e semiopragmática: um diálogo entre metodologias de análise fílmica. *AVANCA| CINEMA*, p. 430-437, 2020.
- CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso: modos de organização**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- CARVALHO, P. D. de; LEAL, R. A.; DAL'IGNA, M. C. Etnografia de tela: uma metodologia potente para pesquisas em educação. *Revista Amazônica*, Manaus, v. 10, n. 1, p. 1-19, 2025.
- Disponível em: <https://doi.org/10.29280/rappge.v10i1.17576>. Acessado em: 17/11 2025
- DE OLIVEIRA, A. C. M. **A evolução da mulher no Brasil do período da Colônia a República**. Ufs. 2012. Disponível em: ufs.br. Acessado em: 29/04/2024.
- FECLESC, N. B. **Mulher e universidade: a longa e difícil luta contra a invisibilidade**. In: Conferência Internacional sobre os Sete Saberes. Ministério Público do Estado da Bahia, 2010.
- FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- FREIRES, Alves et al. **O estudo das relações intergrupais no contexto dos grupos minoritários: resgatando perspectivas clássicas e atuais da Psicologia Social**. ResearchGate. 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/325807105_O_estudo_das_relacoes_intergrupais_no_contexto_dos_grupos_minoritarios_resgatando_perspectivas_classicas_e_atuais_da_Psicologia_Social Acessado em: 17/06/2024.
- GEIMER, A. Práticas culturais de recepção e apropriação de filmes na perspectiva da Sociologia Praxeológica do Conhecimento. Trad. Kelly Cristina de Souza Prudencio. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicole (orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- GUBERNIKOFF, G. A imagem: representação da mulher no cinema. **Conexão - Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, v. 8, n. 15, p. 65-77, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/113/104>. Acessado em: 29/04/ 2024.
- HAHNER, J. E. **Emancipação do Sexo Feminino - A luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940**. Tradução Eliane Lisboa. Florianópolis, SC: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edu-nisc, 2003.

HÄHNER, J. E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e polílicas**, 1850-1937. São Paulo. Brasiliense, 1981.

KINDEL, E. A. I. **A natureza no desenho animado ensinando sobre homem, mulher, raça, etnia e outras coisas mais....** p. 3- 195, 2003. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/2504>. Acessado em: 29/04/ 2024.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós estruturalista**. Petrópolis, RJ, Vozes, 16 ed. 2014.

LOURO, G. L. O cinema como pedagogia. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FÁRIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, (Coleção Historial, 6), 2000.

LEITE, F. L.; LOPES, J. S. M. Cinema na educação: um olhar a partir da categoria gênero. **Revista Educação e Emancipação**, v. 10, n. 4, p. 100-123, 12 jan. 2018. Disponível em: <https://periodicoselétronicos.ufma.br/index.php/reducaoemancipacao/article/view/8202>.

Acessado em: 19/11/25.

LIPPMANN, W. Estereótipos. In: STEINBERG, C. S (org). **Meios de Comunicação de Massa**. São Paulo: Cultrix, 1972.

MARQUES, J. M. **O cinema como instância educativa e sua influência no empoderamento e na representação da mulher: uma análise do filme Capitã Marvel**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. p.1-112, 2021.

MARQUES, T. É o gênero uma construção social. In: A. P. MESQUITA, C. BECKERT, J. L. PÉREZ & XAVIER M. L. L. O. **A Paixão da Razão**. Homenagem a Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. 2015. pp. 561-578. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/MAROG> Acessado em: 20/11/2025.

MARCELLO, F. A.; FISCHER, R. M. B. Tópicos para pensar a pesquisa em cinema e educação. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 505-519, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoe-realidade/article/view/16944>. Acessado em: 17/11/2025.

MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisas pós críticas ou sobre como fazemos nossas investigações. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A (org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021. p.15-22. Disponível em: <https://mazzaedicoes.com.br/project/metodologias-de-pesquisas-pos-criticas-em-educacao/>. Acessado em: 17/11/2025.

NASCIMENTO, A. C. Relações de Gênero. In: COLLING, A. M.; TEDESCHI, L. A. (orgs.). **Dicionário de gênero**. 2. ed. Dourados: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

PIRAJÁ, T. C.; CERQUEIRA, I. **Protagonismo feminino nos filmes de quadrinhos: o que performam as super-heroínas contemporâneas?** Intexto, n. 55, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.19132/1807-8583.55.128956>.

SABAT, R. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, Scielo. v. 9, n. 1 jan. 2001. Disponível em: Acessado em: 29/04/2024.

SANTANA, R. F. A instrução da fêmea: a educação da mulher brasileira no século XIX. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 7, n. 12, p. 137-150, 2014.

SANTIAGO, M. A.; PIMENTEL, M. R. **A mulher na educação brasileira: do direito prescrito ao conquistado**. p. 1-5. 2014.

SASSATELLI, R. Interview with Laura Mulvey: Gender, gaze and technology in film culture. Theory, **Culture & Society**, v. 28, n. 5, 2011.

SILVA, F.; OLIVEIRA, L. G. C. **Desestabilizando o gênero? Super-heroínas, feminilidades e gênero midiático em transformação**. Fronteiras - Estudos Midiáticos, São Leopoldo, v. 24, n. 2, p. 110-120, maio/ago. 2022.

SILVA, M. O. Violência contra a mulher: revisão sistemática da produção científica nacional no período de 2009 a 2013. **Ciência & Saúde Coletiva**- SciELO Brasil, p 1- 10, 2015. Disponível em: [1413-8123-csc-20-11-3523.pdf](https://scielosp.org/1413-8123-csc-20-11-3523.pdf) (scielosp.org). Acessado em: 30/04/2024.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.